

## A LÍNGUA AFIADA DE AURÉLIA À LUZ DE BAKHTIN: QUE CARNAVAL É ESSE?

### AURELIA'S SHARP TONGUE IN THE LIGHT OF BAKHTIN: WHAT CARNIVAL IS THIS?

André Luiz Souza-Silva (UFPB/PROLING/GPCL/CAPES)<sup>1</sup>

Thainá da Costa Lima (UFPB/PROLING/OD/CAPES)<sup>2</sup>

Pedro Farias Francelino (UFPB/DLPL/PROLING/GPLEI/CNPq)<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa, a partir da cosmovisão bakhtiniana de carnavalização, a obra *Aurélia – a dicionária da língua afiada* (2013), uma vez que essa produção inverte ideais de uma obra oficial em um instrumento permeado por uma linguagem oriunda da cultura popular. Esse material metalinguístico é apontado como um dicionário que apresenta 1.300 verbetes típicos das práticas de linguagem de membros da comunidade LGBTQIAP+, obviamente com ressalvas, haja vista sua produção não advir do rigor da lexicografia tradicional, mas o que não deixa de representar uma visão de mundo de sujeitos de linguagem, os quais integram a referida comunidade. Dito isso, este artigo corresponde a uma análise interpretativista de viés dialógico-discursivo, considerando uma leitura dos elementos linguísticos e não-linguísticos que permeiam o material: verbetes, notas introdutórias, capas, figuras etc., caracterizando-se, assim, como uma pesquisa de natureza qualitativa de caráter documental. Nessa direção, lançamos mão das discussões do Círculo de Bakhtin, especialmente as ideias sobre carnavalização, com vistas à espetacularização da referida obra, a comicidade dos signos linguísticos e a “quebra” da seriedade do gênero verbete. Tais aspectos confirmam a irreverência de *Aurélia* e sua identidade itinerante no seio de uma sociedade que preconiza a cultura da norma gramatical e da ortografia oficial para fins de padronização (socio)linguística.

**Palavras-chave:** Discurso. Carnavalização. *Aurélia*. Comunidade LGBTQIAP+.

**Abstract:** This paper analyzes, from the Bakhtinian worldview of carnivalization, the work *Aurélia - a dictionary of the sharp language* (2013), since this production inverts ideals of an official work in an instrument permeated by a language from popular culture. This metalinguistic material is pointed out as a dictionary that presents 1,300 entries typical of the language practices of members of the LGBTQIAP+ community, obviously with reservations, as its production does not come from the rigor of traditional lexicography, but which still represents a worldview of language subjects, who integrate the community. That said, this article corresponds to an interpretativist analysis of dialogical bias, considering a reading of the linguistic and non-linguistic elements that permeate the material: entries, introductory notes, covers, figures, etc., thus, it is of a qualitative nature of documentary character. In this way, we use the discussions of Bakhtin's Circle, especially

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, sendo pesquisador bolsista da Capes junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico. E-mail: andreluiz.bans@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, sendo pesquisadora bolsista da Capes junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Grupo de Pesquisa Observatório do Discurso. E-mail: thaini.dacosta@gmail.com

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística e do Programa de Pós-graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação. E-mail: pedrofrancelino@yahoo.com.br

the ideas of carnivalization in order to spectacularize the work, the comical linguistic signs and the "break" of the seriousness of the entry genre. Such aspects confirm the irreverence of Aurélia and her itinerant identity within a society that advocates the culture of the grammatical norm and the official orthography for the purposes of (socio)linguistic standardization.

**Keywords:** Discourse. Carnivalization. *Aurélia*. LGBTQIAP+ Community.

## Introdução

A análise de discurso é uma expoente área nos estudos da linguagem e suas abordagens teórico-metodológicas são diversificadas. Aqui, trataremos da análise dialógica do discurso (de origem russa) a partir dos estudos de Bakhtin e o Círculo. De modo geral, a análise de discurso se interessa pelo funcionamento da linguagem em diferentes meios e suportes, uma vez que ela produz sentidos, advindos de significações diversas, e que são permeados por aspectos políticos, históricos e sociais que revelam e materializam ideologias.

Diante disso, compreendemos que o objeto da análise do discurso se trata de quaisquer fenômenos que provenham da linguagem em uso, considerando seus diferentes enunciados, efeitos e funcionalidades. Posto isso, toda e qualquer comunidade e/ou grupo social produz materialidades que possibilitam uma leitura e, nesse sentido, os sujeitos LGBTQIAP+ (lésbica, gay, bissexual, transexual, travesti, queer, intersexo, assexual, pansexual e mais)<sup>4</sup>, por exemplo, especialmente na contemporaneidade, em que os embates sociais são eferescentes e midiáticos, participam como atores sociais na produção de inúmeras práticas de linguagem, inclusive, de práticas metalinguísticas.

O presente artigo analisa a carnavalização da obra *Aurélia – a dicionária da língua afiada*, uma vez que essa produção converte ideais de um dicionário oficial em um instrumento permeado por uma linguagem oriunda de um recorte da cultura popular. Tal gesto analítico se faz oportuno por algumas questões, sendo a primeira delas de ordem científica, haja vista percebermos como é possível desenvolver um estudo da linguagem que vai além dos aspectos linguístico-gramaticais, passando a considerar, também, as relações dialógicas estabelecidas com outros enunciados, com a finalidade de ressignificar discursos presentes em nossa sociedade.

A segunda questão é diante da relevância acadêmica, uma vez que não são extensos os trabalhos que desdobram uma análise discursiva de viés bakhtiniano diante do objeto proposto, o qual serve muito mais como instrumento de consulta a verbetes e seus significados (a exemplo do que faz LAU, 2014). Em uma busca no *Google Acadêmico*, por exemplo, identificamos o trabalho de Moura (2018), mas em que as ideias de Bakhtin não são centrais, especialmente no que tange à carnavalização, desenvolvendo muito mais uma análise orientada pela vertente materialista da análise do discurso. Nesse sentido, propomos uma análise a partir da cosmovisão carnavalesca da linguagem proposta por Bakhtin, o que possibilita uma leitura mais vertical do objeto, bem como uma aplicabilidade teórico-metodológica mais central por causa dessa categoria de análise selecionada.

Para além desses parâmetros acadêmico-científicos, é possível delinear as contribuições sociais e pedagógicas. No primeiro campo evidenciamos o fato de a comunidade LGBTQIAP+ ser alvo de violências físicas, que ocasionam mortes violentas e simbólicas (BENEVIDES, 2023),

---

<sup>4</sup> Em diferentes investigações, com a finalidade de representar uma maior pluralidade de identidades sexuais e de gênero, é comum identificarmos diversos formatos de siglas. Neste trabalho, assumimos o uso de LGBTQIAP+, considerando o sinal "+" como representativo das demais formas de viver as sexualidades e identidades de gênero.

que marginalizam e subalternizam aqueles que se identificam publicamente como integrantes da referida comunidade. Tal posicionamento neste trabalho é proveniente da realidade, pois, apesar da despreocupação por parte de instâncias governamentais, órgãos outros se voluntariam na busca pelo mapeamento de violências das quais LGBTQIAP+ são vítimas<sup>5</sup>. Já no que tange ao pedagógico, que não está desvinculado do viés social, temos a oportunidade de contribuir com uma análise que pode ser objeto de reflexão e análise linguística/semiótica (BRASIL, 2017) nas aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica e Profissionalizante, bem como com material de leitura para os/as discentes dos componentes de análise de discurso nos cursos de Letras e afins das Instituições de Ensino Superior (IES).

Feitos esses encaminhamentos, indicamos que a análise aqui empreendida é de caráter dialógico, logo, os movimentos analíticos são baseados nas proposições de Bakhtin (2016). Também trabalhamos com as ideias de Volóchinov (2017), ao adotar a noção de signo como algo que não apenas reflete a realidade, mas que a refrata; bem como evidenciamos suas noções para a conceituação e segmentação do que seja carnavalização (BAKHTIN, 1987). Para tanto, traçamos uma metodologia que se volta para “a dicionária” como um material de análise que enuncia valores, crenças e ideologias, mediante leitura de itens linguísticos e não-linguísticos. Então, a partir de uma análise qualitativa, interpretamos os elementos linguísticos e imagéticos que compõem o material: capas, notas introdutórias, verbetes (estrutura, conteúdo e estilo), imagens etc., os quais selecionamos a partir de nossa percepção sobre quais elementos podem oportunizar uma análise panorâmica. Logo, para a leitura da dicionária, a partir da análise dialógica do discurso, consideramos o papel da carnavalização em sua constituição.

Por fim, para fins didáticos, que o leitor fique ciente de que este artigo é composto por seções e, após este introito, temos a seção que tece considerações sobre o dialogismo da linguagem; logo depois, apresentamos a definição de carnavalização, considerando apenas os aspectos mais gerais do conceito, dado o exaustivo desenvolvimento que Bakhtin confere ao tema. Adiante, apresentamos *Aurélia* e alguns discursos que passaram a dialogar com seus efeitos materiais, bem como analisamos sua constituição em modo tripartido: i) os enunciados envoltos ao objeto, ii) alguns verbetes e iii) algumas imagens. Feito isso, caminhamos para as considerações finais e as referências que alicerçam nossas análises e reflexões.

## 1 A linguagem por um olhar dialógico-discursivo

Segundo Brait (2006), os membros do Círculo de Bakhtin: Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov, Pável Medviédev, entre outros, não postularam um corpo sistematicamente organizado de conceitos capaz de funcionar e de ser utilizado como uma perspectiva teórico-metodológica fechada e acabada, pois não fazia parte da concepção de ciência desse grupo. Logo, não se pode estabelecer, conforme Brait, uma definição concreta e única do que seria uma análise dialógica do discurso (ADD) pensada e discutida pelos teóricos do Círculo.

Na verdade, essa tentativa de estabilizar um conjunto unívoco de conceitos para apresentar a ADD significaria uma contradição em relação às reflexões essenciais desse grupo. O que não podemos perder de vista, quando buscamos analisar algum enunciado concreto à luz dessa teoria, é a convicção de que língua, linguagem, sujeito e história são elementos indissociáveis para a construção dos sentidos. Ou seja, essa vertente de estudos do discurso adota uma prática de análise que prima pela produção de sentido das linguagens de maneira situada historicamente, levando em consideração os aspectos do sujeito determinado pelas circunstâncias da situação enunciativa.

---

<sup>5</sup> Conforme relatório organizado por Oliveira & Mott (2022), 300 pessoas LGBTQIAP+ foram mortas em 2021, inclusive pessoas cis-heterossexuais confundidas.

A partir desses apontamentos, é possível afirmar que as reflexões do Círculo sobre língua e linguagens foram capazes de produzir deslocamentos nas teorias linguísticas dominantes em um determinado recorte temporal. Uma das mais importantes e significativas rupturas diz respeito à unidade de análise estabelecida por essa nova maneira de observar os fenômenos linguísticos, pois a ADD não está preocupada em descrever e interpretar exclusivamente fonemas, palavras ou frases, especialmente se retirados das suas condições de uso; pelo contrário, estabeleceu-se o enunciado como unidade porque essa escolha faz emergir o fato de que cada materialidade da língua tem uma exterioridade constitutiva que necessariamente influencia seu funcionamento em contextos específicos através de sujeitos situados historicamente.

Isso posto, mostra-se necessário desenvolver uma discussão sobre enunciado baseada no pensamento de Bakhtin e do Círculo para que fique evidente, de início, o movimento teórico-metodológico adotado para analisar os discursos presentes na *dicionária Aurélia*. Como dito, o enunciado é a unidade de análise da ADD. As palavras e as frases que utilizamos para nos comunicarmos com as pessoas não são aquelas presentes nos dicionários ou outras que lemos nas gramáticas; aprendemos quais termos utilizar, e não outros, a partir do diálogo com outrem, ou seja, é no intercâmbio verbal que as palavras e as frases surgem como possibilidade de comunicação. Dessa maneira, produzimos enunciados através do uso real da língua, sendo o enunciado materializado por um sujeito em determinado contexto sócio-histórico e presente em um recorte temporal específico, com uma dada intencionalidade carregada de valoração.

O aspecto do intercâmbio verbal e a influência das situações específicas de comunicação na produção dos sentidos dos enunciados nos fazem pensar em um elemento importante dos conceitos do Círculo: a interação discursiva, a qual, para Volóchinov (2017), é um aspecto basilar e essencial da Língua e das Linguagens. Isto é, a interação é a base do sentido, pois é na relação entre os sujeitos situados em um contexto determinado e historicamente situado que podemos “flagrar” os efeitos construídos pela comunicação que se estabelece entre eles. Pois, “a palavra é um ato bilateral” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205) que “liga o eu ao outro” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

Nesse sentido, Bakhtin (2016) reafirma essa característica intrínseca à língua quando busca se afastar de teorias que, caso não ignorem a centralidade dos processos de interação nos sentidos emergidos dos fenômenos linguísticos, colocam os sentidos em segundo plano. Trata-se de se contrapor às reflexões de autores como Wilhelm Humboldt e Karl Vossler: o primeiro por pensar em uma língua que funciona a partir da formação do pensamento independente da comunicação; e o segundo por uma visão de linguagem individual focada na autoexpressão do sujeito. Com isso, compreendemos que o Círculo não concebia a língua como mero instrumento de comunicação, mas como algo indissociável da produção dos sentidos decorrentes das interações socioverbiais.

Ao concordar com a ideia de que a interação é um fato fundamental da Língua e que os efeitos de sentido dela são necessariamente construídos através da relação que se estabelece entre os sujeitos situados historicamente no interior de uma situação específica de comunicação, tocamos na noção de gêneros do discurso, tendo em vista que é a partir deles que materializamos a Língua com um propósito enunciativo. Os gêneros são definidos como formas relativamente estáveis de enunciados. Isto é, trata-se de constatar que o modo como os sujeitos interagem segue certa estabilidade conferida pelos gêneros que são escolhidos para organizar a comunicação. E isso se concretiza em diferentes esferas, sejam elas tidas como formais ou informais no instante da interação sociocomunicativa. Essas ideias estão mais desenvolvidas adiante, quando realizamos a análise de verbetes da *Aurélia*.

Na direção do que estamos discutindo, fica evidente que, dentre outras questões, a ADD lidará com a natureza ideológica dos signos. Isto é, todo enunciado concreto é constituído de signos que são necessariamente ideológicos. Dessa maneira, portanto, um diálogo é construído através de

palavras que não são neutras porque os signos são utilizados por falantes que a todo momento estão selecionando, organizando, valorando e avaliando o que precisa ser dito em uma situação comunicativa. Isso posto, vale ressaltar que o signo se constitui de modo sócio-histórico, necessariamente refletindo e refratando a realidade da qual ele emerge a cada atualização materializada em enunciados concretos. Partindo disso, a refração é central para determinarmos que os signos são ideológicos, pois, conforme Volóchinov (2017), todo enunciado concreto é uma orientação avaliativa e dentro dele cada constituinte não só significa, mas, sobretudo, avalia. Ou seja, a enunciação viva se constitui de elementos dotados, ao mesmo tempo, de sentido e apreciação.

Em outras palavras, a ideologia é concretizada no signo que, por sua vez, constitui os enunciados em que aparece; portanto, percebemos que o signo reflete e refrata a realidade porque é construída e determinada pelo olhar do sujeito que está inserido em condições específicas de interação. Assim, notamos que os sujeitos da enunciação não têm uma postura passiva frente aos fenômenos linguísticos concretizados de fato, pois toda a relação que se estabelece por meio da Língua e das Linguagens é, necessariamente, ativamente responsiva (VIANNA, 2018). Em outros termos, o signo reflete e refrata porque os sujeitos estão a todo momento, valorando os discursos e, conseqüentemente, a realidade na/da qual eles emergem.

Ainda acerca do aspecto ideológico, é preciso ter em mente o fato de que, normalmente, o ideológico, para os autores do Círculo, aponta para o aspecto avaliativo, axiológico do signo, ou seja, com o signo, o falante não apenas reflete/projeta a realidade que o cerca, mas, sobretudo, refrata essa realidade, construindo uma visão de mundo acerca dos objetos de discurso de que fala. Segundo Faraco (2003, p. 50, destaques do autor),

[...] refratar, significa, portanto, que com nossos signos não somente descrevemos o mundo, mas *construímos* – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – *diversas interpretações* (refrações) desse mundo.

Todo enunciado concreto se inscreve, necessariamente, em duas dimensões ideológicas: ele surge e circula sempre em uma (ou mais) das várias esferas da atividade humana (política, religiosa, jurídica, midiática, acadêmica etc.) e sempre expressa um posicionamento avaliativo/axiológico, uma vez que não há enunciados neutros, mas sempre carregados/saturados dos pontos de vista daqueles que já o utilizaram em outras situações de interação discursiva. No caso dos dados analisados neste artigo, os verbetes de *Aurélia* cumprem um papel ainda mais marcado pelo aspecto ideológico/valorativo, pois já surgem na corrente da comunicação discursiva imbuídos de um projeto enunciativo cujo intuito é provocar o riso zombeteiro, caçoar daquilo que já está consolidado e constituído como sério, oficial, isto é, os verbetes constituem signos ideológicos que refratam de modo derrisório os ideais e valores de um grupo social específico, como é o do LGBTQIAP+.

Nesse ínterim, também é necessário destacar o aspecto ético do ato responsável. Para Bakhtin (2017), não temos alibi na existência, ou seja, somos responsáveis por nossos atos no sentido de que eles têm uma assinatura, têm uma autoria única, singular, uma responsabilidade enunciativa. Isso implica dizer ainda que não podemos fugir da condição de seres responsivos, isto é, somos convocados sempre a ofertar uma réplica, uma contrapalavra. Quando pensamos nos enunciados de *Aurélia*, podemos observar que com tais enunciados, seu autor apresenta, em nome de uma coletividade, de um grupo social, uma visão de mundo cujo objetivo é apontar para a diversidade e pluralidade das formas e modos de existência e de expressão de gênero e de sexualidade, e o faz por meio de um trabalho paródico da metalinguagem tal como a encontramos



nos dicionários tradicionais de língua. Portanto, carnavalizar constitui um ato concreto, singular, responsivo e responsável de um segmento social que luta contra e resiste a formas de centralização e unificação da vida verboideológica. (BAKHTIN, 2015).

Por fim, vejamos o que Bakhtin nos diz sobre o aspecto central da concepção de língua e linguagem desenvolvida pelo autor e o Círculo:

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno das palavras *dos outros*, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo, que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 2016, p. 54, grifos do autor).

Trata-se, pois, da noção de dialogismo. Conforme esse filósofo, o fundamento da concepção de língua e linguagens, desenvolvido por ele e pelo Círculo, é o dialogismo. Em outros termos, é na relação com o outro que os fenômenos linguageiros vão se concretizando e, dessa maneira, massificando seus efeitos, visto que “a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.” (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Partindo do que foi dito anteriormente, percebemos que o sujeito da enunciação não é a fonte da produção do discurso, tendo em vista que este emerge dialogando e, sobretudo, polemizando enunciados concretos anteriores. Portanto, há, nessa reflexão dos teóricos do Círculo, um deslocamento evidente da noção de sujeito. Este é constituído a partir da relação com muitas vozes sociais, das quais ele discorda ou com as quais concorda. Dessa maneira, o locutor (e o interlocutor), necessariamente, está situado historicamente e, além disso, tem um posicionamento ideológico/axiológico sobre qualquer tema/assunto. Ou seja, os sujeitos exercem com as vozes e com os enunciados uma prática valorativa. Logo, o atravessamento de vozes não acontece de maneira passiva, dado que as relações dialógicas podem ser polêmicas, promovendo, assim, determinados jogos de efeito de sentido. Nas palavras de Bakhtin,

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências (BAKHTIN, 2016, p. 60-61).

O enunciado, nesse sentido, constitui um tecido de múltiplas vozes, no qual cada uma delas traz seu posicionamento axiológico, sua entonação apreciativa impregnada dos valores do(s) grupo(s) social(is) ao(s) qual(is) se filia ideologicamente. Em *Aurélia*, os verbetes, os discursos e as imagens estabelecem relações dialógicas com diferentes vozes sociais advindas das mais diversas esferas da atividade humana, produzindo sentidos carnavalizados, conforme veremos adiante.

## 2 Considerações sobre a cosmovisão carnavalesca

As reflexões de Bakhtin acerca de linguagem não se limitam ao trabalho com objetos literários, mas podem auxiliar na leitura de todo e qualquer enunciado concreto. Para tal, o analista desta vertente de estudos do discurso deve lembrar, como já mencionamos, que o Círculo não instituiu um quadro teórico-metodológico fechado, mas é a atitude responsiva de caráter dialógico que irá guiar o alinhamento teórico e o recorte metodológico adequado para fins de análise do objeto a ser lido pelas lentes do princípio dialógico da linguagem e suas categorias correlatas. Esse princípio é extensivo também ao conceito de carnavalização.

Para introduzir o estudo da carnavalização, Bakhtin (1987) se volta para a análise da produção literária de Rabelais, a qual era pouco estudada por seu caráter cômico, satírico e pouco convencional do ponto de vista da estilística literária vigente à época. Apesar disso, o nível de sua produção era bem visto por literatos importantes. Conforme aponta Bakhtin, a compreensão da produção rabelaisiana não é simples e acessível, sua interpretação demanda vasto conhecimento de fontes populares. Tal colocação reforça o fato de que “[...] o riso popular e suas formas constituem o campo menos estudado da criação popular” (BAKHTIN, 1987, p. 3).

A carnavalização trabalha no que podemos chamar de “campo da oposição”, “ideias subversivas”, “papeis itinerantes”, etc. A leitura do mundo pelas lentes carnavalescas de Bakhtin diz respeito à identificação da infinidade de formas e manifestações do riso, isso em oposição à cultura tida como oficial, que desacata o sério e/ou que profana o sagrado, conforme aponta esse teórico. Essas possibilidades nos indicam a existência de unidades que podem ser investigadas na condição de serem multiformes, constituindo a cultura carnavalesca. Nesse sentido, e para melhor organizar a compreensão sobre a constituição do que seja a carnavalização, Bakhtin (1987) nos apresenta três categorias, a saber: a) as formas e ritos carnavalescos; b) obras cômicas verbais; e c) diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro.

Na primeira categoria, acerca de formatos e rituais de carnaval, destacam-se as exposições públicas de caráter cômico e os festejos carnavalescos. Nessa categoria Bakhtin exemplifica que a eleição de reis e rainhas em tom cômico e as sátiras com figuras da Igreja são uma forma de carnavalização. Sobre essas ações, enquanto discurso, estão libertas tanto do dogmatismo quanto de seu caráter “mágico”, sendo exclusivamente enunciados de caráter cômico. Ao analisarmos *Aurélia*, na seção seguinte, essa categoria poderá ser percebida no embate político-discursivo que resulta do lançamento da referida obra, uma vez que sua nomenclatura é questionada pelo *Grupo Aurélio*, pois não enxerga homenagem no material, conforme alegaram os autores.

Já na categoria seguinte, sobre obras verbais de tom cômico, na qual também cabem as paródias, Bakhtin indica dar conta de produções de natureza verbal, seja oral ou escrita, fossem em latim ou língua vulgar. Nessa categoria cabe a literatura cômica latina, considerando a produção de crônicas paródicas e diálogos paródicos, os quais circulavam em mosteiros, universidades e colégios. Essa prática, como indica Bakhtin, representa o eco carnavalesco, funcionando na dessacralização de espaços oficiais. Adiante, compreenderemos como em *Aurélia* essa categoria é identificada no que tange à existência do próprio material, haja vista o dicionário – um compêndio normativo – ser um material metalinguístico das instâncias oficiais que regulam a ortografia oficial de uma língua. Logo, um material que propõe compilar os “verbetes mais envenenados” destoa de um discurso oficial ao transpor o espírito carnavalesco para uma obra de valor não só não oficial, mas que teria pouco valor moral no que tange à língua.

Por fim, na última categoria, sobre a diversidade de formas e gêneros, há um interesse específico pelo estilo, considerando o linguajar cotidiano e grosseiro. Nessa categoria temos condição de analisar o que a sociedade, por força do senso comum, poderá categorizar como “baixaria”, vulgaridade. Nesse sentido, compreendemos que a análise se voltará para vocábulos

obscenos, palavras ofensivas, “palavrões”, gírias comuns e marcadas e jargões de menor prestígio social e estético. Conforme Bakhtin (1987), a língua, especialmente em seu aspecto gramatical, terá tom jocoso. Nesse ínterim, o autor caracteriza essa gramática como “alegre”, servindo a fins eróticos, por exemplo; logo, está ligado ao campo semântico da sexualidade, como advoga Bernardi (2009). Nessa categoria, *Aurélia* manifesta sua carnavalização ao “corromper” o gênero verbete num formato menos convencional, haja vista a estabilidade relativa dos gêneros do discurso, a composição estrutural estabiliza o gênero, mas seus significados (obscenos, chulos, pejorativos, etc.) e estilização gráfica são carnavalizados.

A respeito dessas questões que carnalizam a vida, é importante termos em mente que carnavalizar diz respeito a mover a linguagem em prol de tudo aquilo que desconfigura a realidade e que lhe move para um campo de questionamentos via riso. Por isso, concordamos com Fiorin (2020, p. 101):

No carnaval, cria-se um tipo de relações humanas que se contrapõe às relações sócio-hierárquicas da vida normal. As condutas, os gestos, as palavras liberam-se, pois, da dominação das situações hierárquicas. Eles tornam-se excêntricos, deslocados do ponto de vista da lógica habitual [...]. Questionam-se ludicamente todas as normas. O carnaval é uma festa em que se bebe e se come muito. Tem uma força regeneradora, pois permite vislumbrar que um outro mundo é possível, um universo onde reinam a abundância, a liberdade, a igualdade. É a esfera da liberdade utópica, em que uma cosmovisão alternativa se mostra.

A partir da análise de *Aurélia* perceberemos como esse material metalinguístico se assemelha aos dicionários convencionais, mas que se assemelhar não é ser. Logo, ao posicionar tal material numa lógica hierárquica, como preconiza nossa sociedade, especialmente em parâmetros linguístico-gramaticais, *Aurélia* se contrapõe aos parâmetros. Afinal, seu contexto de produção, seus autores, editoração etc. são “libertos” das amarras daquilo que torna um dicionário “oficial”. Ao fazer isso, *Aurélia* – a dicionária – tem teor excêntrico e foge ao convencional. Em meio às cores, ilustrações e sua composicionalidade discursiva, temos um movimento lúdico em prol de uma manutenção ideológica (uma vez que nos faz questionar as políticas linguísticas do que caracteriza um dicionário).

Assim, a dicionária em questão é um produto que nos possibilita pensar em outros modos de fazer e dizer mediados pela linguagem, flertando com a liberdade e a igualdade, sendo um recurso da utopia linguística que se manifesta nesse carnaval da vida cotidiana, sempre paralelo à vida normalizada, mas sendo um material do desacato e da desordem (socio)linguística.

### 3 O babado é certo: Aurélio vs. Aurélia num embate político e discursivo

Aos 30 de maio de 2006, a obra *Aurélia – A Dicionária da língua Afiada*, dos autores Vitor Angelo e Fred Livi, foi lançada pela editora Bispo (São Paulo/SP). Trata-se do primeiro compilado de 1.300 verbetes utilizados nas situações comunicacionais que se concretizam entre os sujeitos que se reconhecem como parte da comunidade LGBTQIAP+. Vejamos capas da obra:



Figura 1 e 2 – *Aurélia e a escândala*

Fonte: Vip & Libi (2013).

Partindo desse cenário, o material se construiu através de uma pesquisa sobre o pajubá/bajubá, o socioleto “secreto” da referida comunidade. Logo, percebemos que esse instrumento metalinguístico emerge carnavalizado e materializa uma transgressão, tendo em vista que apresenta fenômenos da linguagem que não são prestigiados pelos discursos dominantes e pelas práticas de poder hegemônicas, tampouco pela lexicografia.

Além disso, ele não se propõe a ser politicamente correto, visto que, além de os autores não estarem preocupados em utilizar o rigor da ciência lexicográfica para coletar os verbetes e seus significados, eles, constantemente, recorrem ao humor associado ao grupo LGBTQIAP+ para produzirem os enunciados. Portanto, a escolha pelo adjetivo “afiada” para qualificar o “pajubá”, por exemplo, não é arbitrária. Ele aponta para o fato de a língua, presente no livro, ser capaz de ferir e incomodar alguns sujeitos, efeito de sentido que se constrói verbo-visualmente quando enxergamos as cores, a imagem da sujeita abrindo a boca com personalidade e o enunciado “tá, meu bem?”, o qual funciona como tom de afronta, sendo expressivo e persuasivo.

A escolha pelo termo “Aurélia” também não aconteceu de modo aleatório. Os autores explicitaram que se tratou de uma homenagem a Aurélio Buarque de Holanda, que foi um lexicógrafo brasileiro autor do famoso *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. A partir disso, já podemos mobilizar a noção de dialogismo, pois Bakhtin (1997, p. 183) afirma que “toda a vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas”. Neste caso específico, observamos que “Aurélia”, a dicionária, estabelece uma relação direta e explícita com o dicionário *Aurélio*. Entretanto, essa ponte lançada entre os dois discursos e os sujeitos que os produziram não se estabeleceu de maneira pacífica.

Em 8 de junho de 2006, o portal *Gazeta do Povo* publicou uma reportagem sobre o embate entre a família de Aurélio e a editora responsável pela publicação do dicionário utilizado no *corpus* deste estudo. Na reportagem, observamos um trecho da nota divulgada pela assessoria da Posigraf,

que diz o seguinte: “A Editora Positivo informa que está tomando as medidas judiciais cabíveis para proteger os direitos de propriedade intelectual da marca Aurélio, uma instituição da cultura brasileira”. Isso revela como “a palavra torna-se arena da luta de classes [ou de grupos sociais distintos], a arena da dissidência de opiniões e de interesses de classes orientados de modos distintos” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 197). Ao receberem notificação judicial, os autores da dicionária afirmaram se tratar de uma homenagem ao dicionário Aurélio e não um roubo da propriedade intelectual da marca, como afirmou a família do falecido lexicógrafo.

Entretanto, ao lermos a reportagem publicada em 25 de junho de 2006 no portal *O Globo Rio*, conseguimos ter acesso à nota oficial de Marina Baird Ferreira, viúva do Aurélio Buarque de Holanda, na qual afirma isto: “A família é contrária a qualquer demonstração de homofobia, mas dispensa a ‘homenagem’ ao dicionário”. Sobre esse discurso há, no mínimo, dois aspectos importantes para serem analisados: 1) a ilusão do controle de algum ato responsivo aos discursos concretizados no dicionário *Aurélio*; 2) a tentativa de afastamento de uma prática homofóbica. Para Foucault (2014, p. 9)<sup>6</sup>, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. A partir dessa afirmativa, podemos analisar que o discurso de Marina tenta conjurar os poderes e os perigos de uma “homenagem” feita ao trabalho do seu então marido. E, a partir dessa iniciativa, vemos que esses sujeitos, além de quererem regular e selecionar que tipo de discurso pode ou não ser associado ao dicionário, ou seja, de desejarem controlar os atos responsivos aos enunciados presentes ali, buscam interditar um determinado efeito de sentido que diz respeito aos discursos e práticas homofóbicas. No entanto, o enunciado concreto “A família é contrária a qualquer demonstração de homofobia” aproxima esse efeito ao invés de o afastar, dado que a interdição traz à baila as relações dialógicas que o constituem.

Por fim, outro elemento que implica dialogicidade e efeito de carnavalização são certas formas linguísticas empregadas nas capas: dicionária, escândala, Bispa. Esses itens linguísticos sofreram flexão de gênero proposital – inclusive, no interior do material há a “prefácia” – e se afasta da norma padrão vigente, a qual não reconhece a flexão de gênero desses itens linguísticos. Contudo, esse uso coloca em diálogo o material e as práticas linguísticas dos sujeitos LGBTQIAP+, tensionando a norma padrão e os usos legítimos em um movimento dialógico, uma vez que o uso de formas linguísticas femininas – ou a feminização – é comum no interior dessa comunidade de prática não hegemônica, bem como acaba por alinhar efeito de carnavalização haja vista seu efeito cômico e que desacata a seriedade para com a norma padrão vigente e sendo não convencional no que tange às expectativas de algo que se coloca na categoria de dicionários.

### 3.1 Um close no gênero verbete: estrutura, conteúdo, estilo

Como já dito, os gêneros do discurso organizam a comunicação humana. Esses fenômenos sociocomunicativos são apontados por Bakhtin como relativamente estáveis, isso porque há uma certa estabilidade que nos permite especificar e tipificar suas características, distinguindo-os entre si, e porque sofrem com a pressão exercida pelo tempo e com as mudanças intrínsecas à língua,

---

<sup>6</sup> Aqui, nos propomos a um trabalho filiado ao Círculo, mas, na contemporaneidade, haja vista as complexas relações sociais, é oportuno buscar movimentos inter/transdisciplinares. O artigo é resultado de uma produção multidisciplinar, sendo os/as autores/as vinculados/as a diferentes áreas dos Estudos da Linguagem (Sociolinguística, Estudos Foucaultianos do Discurso e Análise Dialógica do Discurso). Logo, não consideramos, expressivamente, problemático que vozes fora do Círculo sejam usadas como ponte de interlocução para as análises, considerando a complexidade do dado (*corpus*) em tela. Além disso, sem maiores intenções analíticas de aproximação, consideramos oportuno deixar em destaque que ambos os autores, claramente, defendem o estudo da língua(gem) em nível discursivo ao estar vinculado, de modo intrínseco, à dinâmica socio-histórico-política (SEVERO, 2013).

que é viva e tem a capacidade de mudar e se renovar constantemente, também alterando formatos comunicativos.

Além disso, cada gênero apresenta a unidade temática, o estilo e a forma composicional que o caracterizam de maneira particular. Sobre isso, a ADD não concebe cada um desses elementos de maneira isolada, pois o que interessa é como eles se entrelaçam e como juntos produzem, através do que foi enunciado, certos sentidos. Dessa maneira, fica evidente a importância dos gêneros para o funcionamento das linguagens e da materialização dos aspectos já comentados. Portanto, a interação é organizada por determinado gênero que, por sua vez, utiliza um conjunto de enunciados que estão a todo momento produzindo efeitos de sentido selecionados, organizados e disseminados pelos propósitos enunciativos dos sujeitos envolvidos nesse diálogo. Sobre os gêneros é importante assinalar o seguinte:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana (BAKHTIN, 2016, p. 279).

Aqui, estamos analisando a constituição de *Aurélia* como resultado da carnavalização, e sua esfera de atividade é a do entretenimento, mas por ser categorizado como dicionário está atravessado por discursos de outras esferas da atividade humana, logo, seu domínio discursivo não se limita ao do entretenimento, do lazer e do humor, promovendo também enunciados que circulam na esfera jornalística, acadêmica e jurídica, por diferentes motivos. Então, a heterogeneidade de *Aurélia* passa a circular com propósitos que se distanciam e se aproximam, refletindo e refratando a realidade por meio da língua em uso. Nesta análise, nos voltamos ao gênero verbete, analisando-o enquanto enunciado escrito, concreto e, irrefutadamente, ideológico.

Verbetes são conhecidos por nos apresentarem o(s) significado(s) do léxico de uma língua através de relações entre signos linguísticos. Logo, é um gênero de função metalinguística por excelência e pode ser encontrado em obras como dicionários, glossários ou enciclopédias, instrumentos que servem a diferentes funções a depender dos campos de uso. Posto isso, vejamos alguns verbetes de *Aurélia* que foram selecionados por nós:

#### Quadro 1 – Alguns verbetes de *Aurélia*

<p><b>Axoxique</b> – (da expressão “acho chique”) Expressão do bem da bicha para demonstrar deslumbre do bem (p. 22).</p> <p><b>Boca de veludo</b> – <i>S. f.</i> Relativo àquele(a) que providencia um bom boquete (p. 34).</p> <p><b>Cheque</b> – <i>S. m.</i> Restos de fezes que borram a cueca, o órgão sexual do parceiro ou a camisinha (p. 41).</p> <p><b>Erê</b> – (<i>do bajubá</i>) <b>1.</b> <i>S. m.</i> Bofinho adolescente; <b>2.</b> <i>Adj.</i> Criança, jovem (p. 55).</p>
--

Fonte: Vip & Libi (2013).

O item “axoxique” é carnavalizado na medida em que sua ortografia foge ao convencional da Língua Portuguesa. Temos a letra “x” funcionando no lugar do dígrafo “ch”, bem como seu registro é marcado como sendo uma única palavra, em vez de um verbo (“acho”) e um nome (“chique”). Já no item “boca de veludo”, temos uma significação que indica uma prática sexual, pois o termo “boquete” refere-se a sexo oral. Sua carnavalização ocorre mediante o reconhecimento de uma significação que dicionários oficiais como Aurélio, Houaiss, Michaelis etc.

não apontam, tampouco a própria expressão boca de veludo e boquete, haja vista seu uso não ser legitimado e estar no *hall* dos termos obscenos e/ou pejorativos, ainda que seja difundida socialmente e seu significado historicamente situado entre falantes do português.

Logo depois, temos o item “cheque” – que não é apresentado como um documento por meio do qual o titular de uma conta bancária emite ordem para um banco, por exemplo, pagar ou creditar certa quantia a seu favor ou a favor de terceiros – indicado exclusivamente como sujar com fezes o pênis, a cueca ou a camisinha durante o ato sexual. Essa significação é carnavalesca na medida em que, no contexto da comunidade LGBTQIAP+, tal significado é o que *Aurélia* reconhece como relevante e se trata de uma temática popular. Por fim, temos “erê”, uma forma linguística indicada como de origem bajubá/pajubá, isto é, originária de língua africana – não sendo uma materialidade que estará catalogada em dicionário oficial, ainda que se reconheça a influência de línguas africanas no português brasileiro no período colonial – sendo um léxico proveniente de uma ramificação linguística comum por parte de falantes engajados em práticas linguísticas da comunidade LGBTQIAP+.

Esses exemplos trazem para a discussão o teor carnavalesco que constitui *Aurélia*, uma vez que cataloga itens linguísticos não reconhecidos em dicionários comuns e oficiais da Língua Portuguesa e apresenta significados não estabelecidos por esses dicionários. Logo, alguns recortes semânticos podem ficar de fora dos dicionários oficiais, bem como apresentar algumas ortografias não convencionais. Na direção desse argumento, enfatizamos que o movimento de carnavalização se materializa na medida em que rompe com uma visão oficial de mundo sob uma ótica sacra e comportada.

Nesse sentido, vamos identificando unidade estilística, alinhando a estética de *Aurélia* a uma materialidade original e de caráter cômico. Por fim, é relevante identificar como a carnavalização do próprio verbete respeita a estabilidade relativa do referido gênero, uma vez que sua composição corresponde ao protótipo deste gênero, apresentando o item linguístico, sua classificação gramatical, sua procedência, caso exista, e seu significado, mas estiliza em tom carnavalesco o significado e/ou sua grafia.

### 3.2 A fechoação de *Aurélia* em imagens

Anteriormente, citamos que os autores de *Aurélia* não pretendiam ser politicamente corretos e que utilizam o humor para elaborar um gênero que tradicionalmente se constrói a partir de um rigor científico – a lexicografia – que colocaria em questionamento a seleção e significação de diferentes itens linguísticos incorporados no material em análise. Nesse sentido, percebemos que o discurso presente nessa obra apresenta uma carnavalização que também se evidencia no enunciado concreto visual que emerge em determinadas páginas, porque ele:

não se apoia na tradição, mas critica-a e opta pela experiência e pela livre invenção; constrói uma pluralidade intencional de estilos e vozes (mistura o sublime e o vulgar; usa gêneros intercalares, como cartas, manuscritos encontrados, paródias de gêneros elevados, citações caricaturadas, etc.). Nela, a palavra não representa; é representada e, por isso, é sempre bivocal. Mesclam-se dialetos, jargões, vozes, estilos (FIORIN, 2020, p. 98).

Partindo dessa conceituação, percebemos que a escolha por inserir imagens em um dicionário funciona como uma subversão, tendo em vista que os autores se aproveitam da relativa estabilidade do gênero em questão para produzi-lo de uma maneira não usual - exceto pelos



reconhecidos e já aceitos dicionários ilustrados escolares (NASCIMENTO & PONTES, 2011). Para fins de exemplificação, vejamos a imagem a seguir:

Figura 3 – “Gillette” e a bissexualidade



Fonte: Vip & Libi (2013, p. 23).

A imagem acima é de um corpo vestido com duas peças de roupa principais. Primeiramente, um sobretudo preto que cobre uma camiseta cinza em cujo centro há uma estampa, que é descoberta pelas mãos do sujeito e nela estão presentes os enunciados “nouvelle technique”, que em tradução livre para o português brasileiro significa “nova técnica”, e “5 lames Gillette bleue”, que significa “5 lâminas gillette azul”; além disso, a imagem de um homem com bigode ao lado do segundo enunciado.

O fato de a imagem materializar uma figura impressa com os enunciados já mencionados na blusa de dentro e o sujeito afastando a roupa de cima para evidenciá-la constrói um efeito de sentido que demonstra que o discurso presente nela está escondido e que só emerge conforme o desejo dele. Em outros termos, nos mostra que a identidade materializada através dos discursos concretos faz parte da intimidade deste e que ele só a apresenta quando resolve “abrir o peito”.

A identidade em questão se refere à bissexualidade. Historicamente, uma prática socialmente aceita foi se referir às pessoas bissexuais como “gilettes”, haja vista o fato de esse produto possuir a característica de ter uma lâmina que corta dos dois lados, o que se relaciona com a realidade de os sujeitos bissexuais se relacionarem com os sexos-gêneros masculino e feminino. Ou seja, a escolha por utilizar essa imagem para ilustrar a *dicionária* não aconteceu de maneira aleatória, mas demonstra um posicionamento axiológico dos produtores e concretiza as relações dialógicas que estão construindo os efeitos desse enunciado, tendo em vista que ele estabelece uma relação direta com os discursos sobre a comunidade LGBTQIAP+ e não apenas com o objeto ao qual se refere. Desse modo, o termo “Gillette” evidencia como o signo é ideológico por natureza, pois quando adentramos o terreno do grande tempo, percebemos a festa de renovação



(BAKHTIN, 2000) envolvida nele que já não está significando apenas o objeto vendido pela marca, mas as pessoas bissexuais.

Sobre as relações dialógicas, analisamos como as vozes, que são constitutivas de todos os enunciados, estão produzindo os efeitos da imagem. Apesar de a prática de chamar de “gilete” as pessoas bissexuais ter sido socialmente aceita em um recorte temporal, o movimento LGBTQIAP+ apontou o fato de o termo ser carregado de um posicionamento bifóbico. Portanto, a utilização dele para representar essa parte do grupo evidencia como os discursos anteriores travam uma luta pela palavra que assinala o modo como as vozes não se relacionam de maneira pacífica a todo momento.

Além disso, esses elementos analisados demonstram como os autores de fato se utilizam da carnavalização para subverter as normas envolvidas na construção de um dicionário, haja vista que, verdadeiramente, não estão interessados, tendo em vista o aspecto ético do ato responsável, em serem politicamente corretos e escolhem signos “vulgares” e utilizados pela população que ainda é ancorada em discursos e práticas patriarcais que massificam e reforçam comportamentos LGBTQIAP+fóbicos. Para ampliar os exemplos, temos a figura abaixo:

**Figura 4 – “Sapatão” e a lesbianidade.**



**Fonte:** Vip & Libi (2013, p. 19).

A figura 4 apresenta a imagem de panturrilhas cruzadas entre si que pertencem, apelando para os estereótipos de gênero, a uma mulher, além de uma saia ou um vestido na altura dos joelhos, um sapato de salto alto no pé da perna que está na frente e um tênis de cadarço calçando o pé que está atrás do outro.

Ao analisarmos a imagem percebemos como ela estabelece relações dialógicas com discursos historicamente cristalizados na sociedade, tendo em vista que, durante bastante tempo, o corpo social se referiu às mulheres lésbicas como “Maria Sapatão”. Essa expressão surgiu a partir do fato de algumas mulheres homossexuais recusarem as práticas ocidentais de feminilidade

impostas para determinados corpos e escolherem usar tênis produzidos para homens ao invés de sapatos de saltos altos e finos ou mais “femininos”. Logo, a imagem trabalha esses efeitos, de maneira carnavalizada e dialógica, quando representa o substantivo próprio “Maria” na utilização da saia ou o vestido na altura dos joelhos, das pernas cruzadas, que é um comportamento que deve ser materializado por mulheres, tendo em vista que esse sujeito precisa necessariamente ser “bela, recatada e do lar” e obedecer às regras de socialização de gênero, bem como o sapato de salto alto no pé à frente e o termo “sapatão” o qualificando, também apresentando um tênis no outro pé num movimento ambivalente. Desse modo, não há aleatoriedade na escolha da imagem, a qual materializa um discurso contruído para as mulheres lésbicas no Ocidente.

Percebemos, portanto, que os signos presentes na figura, além de refletirem e refratarem os discursos que dizem respeito à mulher lésbica, estão carregados de ideologias e posicionamentos que demonstram como um sapato de salto alto e um tênis estão atravessados por efeitos que se constroem a partir de discursos que estão circulando no tecido social. Ou seja, o discurso de fato é produzido por uma exterioridade que lhe é constitutiva e não há a fuga a esse processo.

Outro ponto importante é o posicionamento das pernas e a escolha por colocar determinado calçado em um pé específico do sujeito, tendo em vista que esse enunciado não se constrói de maneira arbitrária. Observamos que o pé de fora, o mais exposto, está com o sapato de salto alto que é o símbolo da feminilidade e da mulher que está dentro da norma determinada pelos discursos patriarcais e heteronormativos; o mais escondido, por sua vez, está calçando o tênis, representação do “sapatão”. Desse modo, podemos estabelecer uma relação com o público e com o privado. Parece-nos que, mais uma vez, como foi analisado na imagem anterior, a sexualidade dos corpos está, discursivamente, destinada ao que há de íntimo, privado, como se fosse um segredo que só será revelado depois de uma barreira a ser superada e adentrada por outro sujeito.

Quanto ao aspecto da carnavalização, o enunciado “sapatão”, representado na concretização do tênis, é um discurso que, primeiramente, dependendo do sujeito da enunciação, é carregado de efeitos lesbofóbicos, seguidamente, ele pertence ao vulgar, ele emerge das relações populares que demonstram como os aspectos socio-históricos da sociedade brasileira ainda reforçam práticas patriarcais e heteronormativas. Entretanto, por se tratar de *uma dicionária*, essa imagem subverte a tradição por fazer referência a um discurso popular em um instrumento de prestígio como é uma obra capaz de estabilizar significados.

### Considerações finais

Dado o exposto, pudemos trazer à cena discussões pertinentes no escopo da ADD, considerando a relação entre os fatos sociais e a linguagem como sua parte constitutiva. Para tanto, o Círculo, principalmente a partir da empreitada teórica de Bakhtin, possibilitou uma análise embasada na dialogicidade da linguagem, bem como nos efeitos de sentido que se carnavalizam na sociedade contemporânea. Na direção dessa constatação, empreendemos a análise de *Aurélia* com o anseio de observar que sua existência como um enunciado concreto – constituído por elementos linguísticos e não-linguísticos – que discursivamente é produto de uma identidade itinerante e que funciona como uma prática subversiva da língua(gem), uma vez que desacata o sério, destoa do discurso oficial, coloca em destaque a língua em formato tido como chulo e/ou pejorativo.

Junto a isso, é válido mencionar que, por se tratar de um material metalinguístico historicamente situado, *Aurélia* pode ser objeto de análise para fins que tocam não só nos estudos linguísticos e discursivos, mas também em pautas sociais e pedagógicas. Afinal, no campo dos estudos linguísticos é possível lançar mão de uma leitura estritamente dos códigos, acionando epistemologias que lidem com o léxico, com a morfologia, com a fonologia, com a semântica, bem como é oportuno acionar uma leitura discursiva no que tange ao aprofundamento da compreensão

das imagens e dos efeitos de sentido dos verbetes, isso com base em diferentes linhas da análise do discurso, seja alastrando a leitura dialógica, seja pelas relações de poder e resistência com Foucault, pelo *ethos* discursivo com Maingueneau, pelo interdiscurso com Pêcheux, ou pela análise tridimensional de Fairclough, por exemplo.

Realizar tais empreitadas é possibilitar discussões em torno do Movimento LGBTQIAP+, considerando a performance desses sujeitos no seio das sociedades, bem como sua organização como grupos. Também é possível tensionar a discussão do conteúdo de *Aurélia* em contexto de ensino/aprendizagem (SOUZA-SILVA, 2021), seja como proposta pedagógica ou intervenção em sala de aula, a fim de promover uma reflexão e compreensão sobre o papel da linguagem numa relação dialógica de controle x libertação, prestígio x estigma etc.

### Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 337-357.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de Françoise Rabelais. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editoria da Universidade de Brasília, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I**: A estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos, Pedro & João Editores, 2017.
- BENEVIDES, Bruna **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.
- BERNARDI, Rose Marye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 73-94.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Criar Edições, Curitiba-PR, 2003.

- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2020.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**: aula inaugural no collège de france, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- LAU, Héilton Diego. Um estudo sobre a representação da identidade gay no entretenimento brasileiro. **Revista de Educação Dom Alberto**, v. 1, n. 6, p. 121-132, 2014.
- MOURA, Jonathan Ribeiro Farias. de. **Da sombra às cores**: análise discursiva do dicionário LGBT's Aurélia. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- NASCIMENTO, Francisco Iaci do; PONTES, Antônio Luciano. Dicionários escolares: uma análise visual. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 145-166, 2019.
- OLIVEIRA, José Marcelo de; MOTT, Luiz. (Org.) **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil**: relatório 2021. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022.
- SEVERO, Cristine Gorski. Bakhtin e Foucault: apostando em um diálogo. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa Bovino. (Org.). **Círculo de Bakhtin**: pensamento interacional. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. 3, p. 143-166.
- SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Lingu@Gem**, [S.L.], v. 10, n. 3, p. 1076, 26 ago. 2016.
- SOUZA-SILVA, André Luiz. É pajubá, tá meu bem? Variação linguística e aspectos socioculturais no ENEM. **Sociodialeto**, Mato Grosso do Sul, v. 12, n. 34, p. 13-27, jul. 2021.
- VIANNA, Rodolfo. A linguagem pela perspectiva do Círculo de Bakhtin. **Revista Odisseia**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 19-33, 4 dez. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. <http://dx.doi.org/10.21680/1983-2435.2019v4n1>.
- VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia**: a dicionária da línguaafiada. 24. ed. São Paulo: Editora do Bispo, 2013.
- VOLOCHÍNOV, Valentin. A palavra e suas funções sociais. In: VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Trad. de João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013, p. 189-212.
- VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Submetido em 28/03/2023

Aceito em 07/07/2023